

Transcrição da Entrevista - Entrevistado do grupo amostral constituído por indivíduos com orientação homossexual 7

[Sexo: homem]

Entrevistador: Boa tarde. Vamos então dar início à nossa entrevista.

Entrevistado: Boa tarde.

Entrevistador: Idade?

Entrevistado: 32

Entrevistador: Habilitações?

Entrevistado: Licenciatura em Arquitetura.

Entrevistador: Ocupação Profissional?

Entrevistado: Giro várias empresas no momento, sim, no momento, giro várias empresas.

Entrevistador: Ok. Residência? É...

Entrevistado: Covilhã.

Entrevistador: É na Covilhã.

Entrevistado: Também é natural de cá?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Estado Civil?

Entrevistado: Solteiro.

Entrevistador: Tem filhos?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Ok. Estas foram as primeiras questões gerais. Agora vamos passar para a parte mais... crucial da entrevista. Por quem é constituído o seu agregado familiar, na altura não sei se coincide com a infância/juventude com o atualmente, ou não?

Entrevistado: Ou seja, na infância/juventude era mãe, pai e irmão. No presentemente, é só pai e eu porque a minha mãe entretanto já faleceu e o meu irmão casou entretanto e mora na casa dele.

Entrevistador: Como é que caracteriza a sua relação familiar? Na altura, na infância/juventude e atualmente?

Entrevistado: Na infância/juventude era mais complicado porque, primeiro não queria ser aquilo que eu era, não é, e então tentava combater um bocado porque queria também ser o "normal" não é, como as outras pessoas todas. E como eu tive oportunidade, depois saí de casa aos 17 anos, quando fui estudar para fora, pude criar um novo mundo para mim, não é, quer dizer, eu fui estudar para Lisboa e tornou-se toda uma nova identidade para mim que eu pude construí-la. O voltar para a Covilhã foi complicado, foi complicado porque acima de

tudo foram 5 anos de viver sozinho não é, e quando voltei já não voltei para casa dos meus pais, já tive que ter a minha própria casa para ter o meu espaço e para acima de tudo porque, os pais não sabiam. Não, a coisa não era assumida e escondida não é, nem para os amigos, só para aqueles amigos, um ou outro e muito pouco. Entretanto, as coisas foram-se, naturalmente, eu cansei-me de mentir e quis assumir perante as pessoas. Mas foi um processo complicado na altura, hoje olho para ele muito natural mas na altura aquilo parecia complicado. Depois quando as coisas começaram a desenrolar, mesmo com primos, tios, família, não há problema nenhum hoje, mas na altura era um drama...

Entrevistador: Pois...

Entrevistado: ...na altura era um drama. Hoje moro com o meu pai, vivemos os dois e vivemos lindamente, também a casa permite, porque ele tem um andar e eu tenho outro andar, nunca nos cruzamos, e pronto, e o meu pai tem uma postura de que “eu não tenho de falar da minha intimidade contigo, tu também não tens de falar da tua para comigo: ‘tô aqui, sou teu pai, respeito-te, por isso se precisares de alguma coisa...’”. Há muito um compromisso de respeito, acima de tudo.

Entrevistador: Isso facilita muito...?

Entrevistado: Facilita muito, facilita muito. Penso que a parte mais difícil tenha sido com o meu irmão porque as pessoas têm uma tendência em que quando não conhecem, rejeitam. É muito mais fácil isso, e isso aconteceu muito por parte até de pessoas da sociedade da Covilhã que é mais fácil apontar o dedo e apontam muito mais enquanto não têm certezas, porque quando as têm deixa de ser interessante. E eu preferi que “ok, querem saber sim, ok, tudo bem sou homossexual, qual é o vosso problema?” E desde que eu assumi as coisas... e eu não assumi para a sociedade eu assumi acima de tudo para mim e para as pessoas mais próximas minhas, mas...

Entrevistador: Acha que houve mais aceitação?

Entrevistado: Houve muito mais aceitação e uma coisa muito mais natural, porque uma coisa que os próprios meus amigos que já desconfiavam, toda a gente fazia uma abordagem de que “não te sentes à vontade para confiares em nós”, não é, e havia ali um contrassenso de que eu não era pleno não é, tinha sempre uma vida escondida, ou seja, as mariais eram sempre manéis não é, quer dizer, uma pessoa tinha de se transformar um bocado e naturalmente, quer dizer, hoje falar das coisas é muito mais fácil, mas na altura foram processos complicados, mesmo por lutas interiores de nós próprios de querermos resolver as coisas e mesmo por uma sociedade toda muito secreta que existe no interior.

Entrevistador: Acha que havia uma dupla identidade quase?

Entrevistado: Sim, quase, sim, sim, sim, quase. Em que existe os falsos *e-mails*, para tentar conhecer os próprios semelhantes, não é. Um meio social aqui para a comunidade homossexual, não existe. Existe através da internet, ponto, mais nada, mais nada.

Entrevistador: Como é que vive ou viveu a sua orientação sexual no quotidiano, para quem assumiu, como é que foi? Portanto, de certa forma já me aqui respondeu...

Entrevistado: Exatamente. Sim, sim, sim, exatamente.

Entrevistador: E porque é que acha que (e se concorda) em determinados contextos as pessoas com orientação homossexual tendem a omitir a sua orientação?

Entrevistado: Eu não concordo que o façam, eu compreendo que o façam. Porque acima de tudo hoje ainda se vive nos padrões do que é normal e do que não é normal, não é. E como as pessoas são muito educadas ainda por padrões muito antigos, não é...

Entrevistador: Da norma...

Entrevistado: ...da norma, quem foge da norma passa sempre a ser o...

Entrevistador: Desviante...

Entrevistado: ...desviante e o anormal da situação, que não é nada disso que acontece mas as pessoas acabam por se sentir assim, porque se sentem diferentes, não querem ser marcados por essa diferença e porque há um processo muito complicado que é os Secundários, as alturas de Secundário que são feitas com os locais sempre, é onde há muito *bullying* não é, há muito o gozar pela diferença e porquê? Porque as crianças também querem primar por ser diferentes e então há sempre esse fazer-se vingar sobre os mais fracos, ou seja, acho que as pessoas procuram sempre ser mais fortes e aproveitam-se sempre dos casos das pessoas mais fracas para considerarem-se a elas próprias mais fortes. E as pessoas têm muito medo de cair nessa pressão social e daí o esconder, esconder, esconder, esconder.

Entrevistador: Com medo da discriminação...?

Entrevistado: Eu acho que hoje é diferente. Há dez anos atrás as coisas eram diferentes. Hoje, já acho que é mais diferente, acho que hoje as pessoas são mais descaradas, acho que hoje estão a perder... hoje as pessoas já não se dão ao respeito, acho que estão descaradas demais para o meu... não é para o meu gosto porque eu dou liberdade às pessoas, acho que estão um bocado descaradas demais, acho que já estão ali a puxar muito para o quererem vingar e se assumir na sociedade, “então se sou diferente, então vais ver o quão diferente eu sou, porque já tens motivos então eu vou-te dar muito mais motivos de fora”. E não acho que seja assim, as pessoas não têm que assumir comportamentos diferentes, têm que assumir comportamentos naturais, naturais. E as pessoas não fazem isso. Acho que hoje é... hoje as coisas estão um bocado diferentes, eu noto isso.

Entrevistador: Mais liberdade nesse aspeto?

Entrevistado: Mais liberdade.

Entrevistador: Mais à vontade?

Entrevistado: Mais à vontade, mais à vontade e acho que a cidade toda também contribuiu, porque uma coisa que a Universidade deu um pulo muito grande às gerações e foram pessoas que vêm de grandes cidades e que vieram parar ao campo, e vieram parar ao campo. E de alguma maneira abriram portas que jamais se tinham aberto noutros locais daqui porque toda a gente os conhecia. E acho que aí é o, lá tá daquelas coisas, uma influência muito positiva que a Universidade tem sobre a cidade.

Entrevistador: E, no seu entender, o que é que significa a heterossexualidade? Tenho aqui algumas opções de resposta, mas assim para já...

Entrevistado: Eu por exemplo, eu não acredito em heterossexualidade nem homossexualidade, não acredito. Eu acredito que nós somos educados para existir isso. Agora há muita vontade de pertencer a uma classe, eu acho isso, que há muita vontade. E as pessoas, é mais fácil pertencerem a alguma coisa do que não pertencerem a nada, então por isso inserem-se em grupos, é quase como o Futebol: eu sou do Sporting, sou do Benfica e ‘tá.

As pessoas assumem que pertencem a uma coisa. É mais fácil serem-se assim não é, porque nós todos temos parâmetros para nos inserimos na sociedade, mas eu não acredito nisso, eu acredito é no amor e na paixão e no desejo. E tudo pode acontecer.

Entrevistador: Portanto, acha que é uma forma de hierarquizar a sociedade?

Entrevistado: Sim, é, é sem dúvida.

Entrevistador: A dita “norma” do “não normal”, ou do comum do que é menos comum, e por aí adiante...

Entrevistado: Exatamente, exatamente.

Entrevistador: Depois isso também tem implicações no funcionamento da família, por exemplo...?

Entrevistado: Exatamente, exatamente, aliás para um pai não é, e para uma mãe o desejo é sempre que eles sejam, que vá ao altar, que vá casar, que tenha os seus filhos, ou seja, porquê? Porque são ambições próprias e as pessoas são todas um bocado egoístas não é, porque querem sempre se rever ou querem que os seus filhos sejam aquilo que eles também não foram, o que eles não foram muitas vezes. Então se eu não for perfeita o meu filho há-de ser porque eu vou-lhe dar todas as condições para ele ser perfeito e pensam que a perfeição passa por aí.

Entrevistador: E também acha que pode ser algo social e historicamente construído?

Entrevistado: Ah, completamente, completamente.

Entrevistador: Que papel é que acha que representa a heterossexualidade na sociedade portuguesa?

Entrevistado: O mais dominante possível, o mais dominante possível.

Entrevistador: E acha que tem existido Instituições, como por exemplo a religião, o Estado, a família, a sociedade em geral, a lei, etc. ... que têm privilegiado a heterossexualidade?

Entrevistado: Ah, completamente, todos os direitos... por exemplo, ainda no outro dia eu ria-me com um amigo meu em que falávamos destas questões, quer dizer, se não há tradição homossexual em Portugal, então quer dizer, as mulheres também não deviam ser batidas, não deviam ser espancadas, mas no entanto, há uma tradição da sociedade portuguesa que o homem chega a casa e bate na mulher. Que tradições é que são estas, não é? Quer dizer, isto é uma falta de bom senso das pessoas, não é, porque nós mantemos valores que são completamente errados, que são meras utopias, porque nós sabemos que da porta para casa o que é que lá acontece? Ninguém sabe, e aqui é que eu acho que quanto mais transparente nós formos com as coisas, mais fácil as coisas são de se tratar e lidar. E acima de tudo, o aceitar a diferença e a mudança é muito importante na sociedade e é coisa que as pessoas gostam de “sempre foi assim, vamos ser assim, e vamos continuar a ser assim porque é como manda” e manter sempre a tradição, não é. Há muito a tendência de manter a tradição, isso é que é considerada a boa família, manter as tradições, e as tradições por vezes não vão só do sentar-se à mesa e saber comer com os talheres, vão em tudo, aos moralismos todos que a Igreja Católica toda também ajuda muito e o Governo também, não é.

Entrevistador: Na sua opinião acha que existem diferenças significativas entre pessoas com orientação homossexual e pessoas com orientação heterossexual, para além da própria orientação sexual, ou acha que não?

Entrevistado: Eu não acredito muito, não acredito muito, mas já vi de tudo um pouco não é. Agora acho é que as pessoas também se programam um bocado, se educam um bocado a pensar por elas próprias e podem assumir comportamentos que as leva a achar que são diferentes. Porque eu não vejo absolutamente diferença nenhuma, não vejo absolutamente diferença nenhuma. O que um pode fazer, é o que eu costumo dizer, quando vamos à casa de banho fazemos todos exatamente da mesma maneira, por isso qual é a diferença? Quando sangramos, sangramos todos do mesmo sangue, então as diferenças só estão na nossa cabeça, por isso construímos a nossa cabeça e por isso é que acho que não.

Entrevistador: De entre alguns fatores como por exemplo, etnias, género, nacionalidade, etc., que podem por vezes originar atitudes ou comportamentos discriminatórios, excludentes, preconceituosos, acha que a orientação homossexual pode ser aquele fator que desencadeia mais posturas discriminatórias?

Entrevistado: Hoje em dia já não tanto, hoje em dia já não tanto porque acho que também a imagem da homossexualidade se associou muito ao amor, não é, quer dizer ao amor, à paz, à liberdade, e acima de tudo hoje em dia, há movimentos que podem ser muito mais radicais não é, quer dizer, os neonazis, aquelas políticas de extrema, quer dizer, os ataques terroristas, eles podem se incidir de uma maneira muito mais violenta na sociedade do que propriamente a comunidade homossexual que não ‘tou a ver no que é que isso possa ser tão mau. Pode acima de tudo, lá está aquele pegar sempre naquilo que é os “anormais”, não é, quer dizer, nós não somos como eles, somos completamente... eu acho isso errado, acho isso errado.

Entrevistador: Considera que a discriminação e a exclusão são idênticas tanto para homens como para mulheres com orientação homossexual e existem diferenças consoante o género?

Entrevistado: Eu acho que há mais exclusão para as mulheres, não sei bem o porquê. Talvez porque o homem sempre foi visto como mais livre de fazer tudo o que quisesse da sua vida, a mulher não, a mulher nasceu para casar e ter filhos e ajudar o marido e os filhos, não é, a carreira por ideal, pode ter um emprego mas não, é para cuidar de uma casa, dos filhos e do marido. E nós já somos mais livres disso porque os homens sempre puderam brincar, sair à rua, sair à noite, ir aos cafés, sempre sozinhos, com os amigos e tal. A mulher já não pode, já não tem essa liberdade tão grande. E penso que, devido a isso, a mulher que assume comportamentos diferentes dos comportamentos normais femininos, aí é capaz de ser mais discriminada, sobretudo mais discriminada.

Entrevistador: Para si, em contextos a discriminação e a exclusão acontecem com maior evidência, por exemplo, na educação, no trabalho, na saúde, nos media, na justiça, na lei, na segurança...?

Entrevistado: Eu, acima de tudo, acho que é na educação, no educar. Aliás começa tudo, só o tabu que existe em volta da educação sexual que se há-de dar a um filho, o pai fica, por exemplo há uma reação muito gira...

Entrevistador: Logo desde a família?

Entrevistado: Desde a família, desde a família. O abordar um tema como o sexo é sempre um problema imenso

Entrevistador: Tabu?

Entrevistado: É sempre um tabu imenso. Mesmo quando as próprias mulheres, rapazes e raparigas começam a nascer os próprios pêlos públicos, a puberdade toda, essas coisas todas,

é um tabu e os filhos tendem sempre a fugir. Ou têm pais que são pessoas que encaram isto com normalidade, que é a nossa própria natureza, porque há aqueles sempre “não, não, a minha mãe nunca falou, também não tenho que falar, o meu pai agora também...”. Acho que se foge muito à responsabilidade que se tem como educador e grande parte da educação falha aí. E, acima de tudo, os programas que são dados também depois nas escolas, depois daí já vai um bocado da política fundamental que temos no país, nunca procuram porque sempre coisas de tabu, também não procuram os pais porque pensam sempre de que “nós somos muito à frente, já queremos dar um passo muito à frente”, e não conseguimos porque as pessoas que estão a fazer as Leis são tão retrógradas como eram há 50 anos atrás, não é, é um problema por aí.

Entrevistador: Que tipo de discriminação acha que sofrem as pessoas com orientação homossexual, tanto homens como mulheres, que tipo de discriminação?

Entrevistado: Acima de tudo, é um bocado a exclusão, a exclusão. Excluir, porque quase como se ele tivesse uma doença, quase do contagioso.

Entrevistador: Ainda se tem um bocado essa ideia...

Entrevistado: Tem, tem, tem.

Entrevistador: Da contaminação? Que algo se...

Entrevistado: A contaminação felizmente foi muito superada porque ficou provado que a SIDA propaga-se pela ignorância e não pela prática em si do sexo, não é, pela ignorância das pessoas que não fazem, e ignorância de pensarem que nunca a vão apanhar não é, quer dizer porque hoje toda a gente sabe usar um preservativo. A ignorância é da pessoa que “ah, a mim nunca me vai acontecer”, e a sociedade está cheia de heróis que se deram muito mal, não é. Conheço bastantes casos que se deram muito mal com isso, tanto heterossexuais como homossexuais, aqui para mim não há diferença nenhuma, porque estamos todos expostos às doenças, quando chove, chove em cima de todos.

Entrevistador: Portanto, existem comportamentos de risco e não grupos de risco, neste caso?

Entrevistado: Exatamente, exatamente.

Entrevistador: Ia falar na questão, por exemplo, de não poderem dar sangue, acha que isso é uma forma de exclusão?

Entrevistado: É uma forma de exclusão, sem dúvida, sem dúvida. É erradíssimo, quer dizer, não sei porque é que não há-de ser tão... quer dizer se eu tivesse um irmão meu que precisasse do meu sangue então era logo o primeiro a quem eu queria dar o meu sangue. Isto é de uma falta de ética porque ainda não conseguimos dar aqueles passinhos que podem parecer um passo muito grande, mas quando vamos ver a importância dele é ridícula, é ridícula, porque é como foi na tropa não é, quer dizer, só quando se viram que havia imensos homossexuais na tropa e que se calhar eram os que tinham mais as coisas no sítio para ir lá à frente do campo de batalha é que começaram a aceitar, não é. E tanto homens como as mulheres, na marinha e na tropa e em todo o lado, também é a tal coisa do “sempre se fez assim, por isso...”

Entrevistador: Manter-se?

Entrevistado: Manter-se.

Entrevistador: Alguma vez esteve sujeito a algum tipo de discriminação com base na orientação sexual?

Entrevistado: Sim, sim, toda a gente passa por isso nas escolas.

Entrevistador: Independentemente até de ter orientação homossexual ou não, não é?

Entrevistado: Exatamente, toda a gente passa um bocadinho por esse tipo de discriminações e depois quando uma pessoa se destaca um bocadinho é o alvo. Porque as pessoas, é a tal coisa, procuram sempre os mais indefesos para poderem atacar para eles próprios se sentirem mais fortes do que os outros, porque eles de sangue são exatamente iguais, só que têm essa necessidade de se sentirem melhores que os outros e é por isso que uma pessoa acaba sempre por... na escola, sobretudo. Nas Universidades já não, as pessoas já são diferentes, já tiveram os primeiros contatos sexuais, já tiveram tudo, há muitas amigas que têm amigos, há outra liberdade. Agora na escola não, sobretudo no Secundário acho que há muita falta de informação.

Entrevistador: E no trabalho, também há um certo receio em...?

Entrevistado: No trabalho, eu nunca posso...é assim diretamente eu acho que nunca o senti, mas agora sei de pessoas que já foram, porque eu acho que acima de tudo, é uma pessoa fazer-se respeitar. Se uma pessoa se faz respeitar profissionalmente, acho que é muito pouco relevante a sua condição sexual, porque quando nós provamos se nós somos bons a trabalhar, ninguém nos vai dispensar. Agora eu também nunca trabalhei para pessoas que fossem tão rigorosas quanto isso. Agora, pelas minhas costas, é possível que tenham já dito alguma coisa, como é óbvio.

Entrevistador: Então no fundo acha que a orientação sexual é apenas uma característica, digamos assim, da identidade. Há muitas outras com a sua importância e a orientação sexual não tem que vir tipo “rótulo” a identificar a pessoa?

Entrevistado: Exatamente, exatamente.

Entrevistador: Considera que existem diferenças na vivência da homossexualidade, ou seja, por parte das próprias pessoas, e por outro lado, na aceitação da mesma por parte da sociedade em geral, em meios mais pequenos do interior do país e em meios de maior dimensão no litoral, acha que há diferenças?

Entrevistado: Há muitas diferenças. Eu acho que aqui as pessoas fecham-se porque quando encontram os semelhantes, não é, fecham-se para se sentirem ali como uma tribo “pronto, aqui estou protegido”.

Entrevistador: Um lugar de conforto?

Entrevistado: Um lugar de conforto, aquele conforto de que ali posso falar à vontade, pode não sei quê, ainda não estou a ser recriminado nem vou ser apontado, isto sobretudo para pessoas que não sejam assumidas perante uma sociedade, tendem-se a isolar mais, e sobretudo, eles próprios é que contribuem para que haja, cada vez mais, uma separação das classes, não é, ou das diferenças sexuais que existem. Porque se não explicam, não partilham, se não agem naturalmente, mais anormais eles vão ser considerados pela sociedade.

Entrevistador: Se auto-excluem também?

Entrevistado: Exatamente, auto-excluem-se por si só porque têm o receio, lá está o receio sempre, de ser mal interpretados, e quanto mais natural eles forem, isso pode-se assistir muito mais facilmente nas grandes cidades, porque aí sobretudo, a coisa é mais liberal, porque há as chamadas “zonas gay”, os “bares gay”, todo o “mercado gay”, o “turismo gay”, quer dizer, e já se torna tudo com uma abertura diferente. No entanto, continua a haver as mesmas mentalidades, as pessoas estão lá, os sítios é que oferecem mais condições geográficas e existenciais são diferentes das de cá.

Entrevistador: Acha que existe, por exemplo, uma maior liberdade da expressão dos sentimentos, uma maior aceitação, ou um maior anonimato e isso pode, nas grandes cidades, isso pode favorecer...?

Entrevistado: Tudo, favorece tudo. Uma pessoa fazer... aqui ninguém me conhece, pode-se dizer, como eu sou, que ando sempre como eu quero, dá mais segurança às pessoas. Aqui na terra dos meus pais tenho de me comportar bem não é, não pode ser bem assim. Isso acontece muito, mas acontece tanto em gays como héteros como... acho que tudo é uma questão de o chamado “gozo do anonimato” é muito importante, numa certa fase é muito importante para o crescimento de uma pessoa.

Entrevistador: Incluindo a sua vivência aqui na Covilhã não é, acha que a homossexualidade é vivida, ou melhor, como acha que a homossexualidade é vivida pelas próprias pessoas e por outro lado, como é que acha que é encarada pela população em geral?

Entrevistado: Como é que eles a vivem agora aqui, a comunidade homossexual e como é vista? Eu acho que hoje já se tornou mais *light*, *light* no sentido em que hoje é mais engraçado, já acham mais piada, porque acima de tudo, hoje já há mais informação sobre as coisas. Não há uma abertura maior para as coisas, há sobretudo uma informação maior que é, de alguma maneira, as pessoas já não são tão burras, ou não estão tão num estado de que, hoje as pessoas já tiveram contacto com alguma pessoa desse género, hoje há um amigo, há isto ou no curso ou na minha escola, hoje há uma maior informação. Mas não há uma maior aceitação, é sempre “ok é tudo muito giro, mas é quando é a casa do vizinho, quando toca na minha casa as coisas já são diferentes”, eu acho que é um bocado assim, e também porque eh pah cada vez mais nós somos confrontados nos meios de comunicação, nas revistas, em tudo não é, quer dizer, no facto de as pessoas hoje já terem personagens gays em telenovelas brasileiras contribuiu muito para a evolução também aqui das pessoas porque veem muita telenovela, não é. Até lá não havia homossexuais nas telenovelas brasileiras.

Entrevistador: Portanto, acha que aí nesse aspecto, está-se a caminhar um bocado para a igualdade?

Entrevistado: Exatamente. Agora o que às vezes podem é não adotarem os melhores exemplos do que é a comunidade homossexual. Por exemplo, é um horror ver o Castelo Branco e pensar o meu pai que algum dia me vou tornar assim não é, quer dizer, não são os melhores exemplos não é, porque isto depois também pecamos sempre pelo excesso não é, nunca há ali aqueles... eu acho que assim é que tudo o que eu digo às pessoas é “eu sou uma pessoa normal como qualquer outra pessoa, só que gosto destas coisas e vocês gostam de outras”, não tenho nada mais diferente, nada mais diferente.

Entrevistador: Muito bem. Vamos passar para a terceira parte da entrevista. Como define, na sua opinião, a família? No seu entender, o que é que acha que é família? O que é que representa a família?

Entrevistado: Eu acho que a família é um projeto sempre partilhado, em que pela primeira vez, não pensamos só por nós próprios e aprendemos a construir algo com alguém e para alguém também.

Entrevistador: Independentemente da orientação sexual?

Entrevistado: Exatamente, e para alguém, e acima de tudo, é sempre mais fácil construir a dois do que construir só um, sempre. Ou a dois, ou a três, ou a quatro, é sempre mais fácil uma união e esse próprio a sociedade lhes permite sempre mais vantagens porque duas pessoas a encher um saco não é, quer dizer, é muito mais fácil de encher do que andar só um, quer dizer, grão a grão enche a galinha o papo. Mas quando são duas pessoas a trabalhar para o mesmo saco, as coisas tornam-se muito mais fáceis, e há sempre um sentido de temos sempre alguém a quem recorrer não é, quer dizer, temos sempre...e depois já sem falar do amor, quer dizer, que uma pessoa tem pela outra pessoa que também quer construir a família. Mas, acima de tudo, há um apoio, há um apoio muito grande e as pessoas nunca estão bem sozinhas, ou nunca estão perfeitamente bem sozinhas.

Entrevistador: Então acha que, por exemplo, a constituição monoparental, só o casal do mesmo sexo ou sexo diferente, ou família recomposta após divórcio ou viuvez ou outra situação qualquer, ou a nuclear procriativa pai, mãe e filhos, ou casal homossexual com filhos, por aí adiante... são todas consideradas família, na sua opinião?

Entrevistado: Exatamente, todas, todas elas. À sua maneira, são famílias. Se são melhores umas que as outras, quem é que somos nós para questionar isso não é, desde que funcionem e as pessoas sejam felizes à maneira delas, isso é que é o mais importante. Não há aqui nada que diga que isto aqui é perfeito, que isto é perfeito assim e é assim que tem de se dar, não.

Entrevistador: Na sua opinião, qual é a importância dos filhos para a pessoa ou para o casal?

Entrevistado: Eu acho que tem muita importância, porque acima de tudo, um filho... ou pelo menos, eu vejo isto aos meus olhos não é, quer dizer, não sei se os outros o veem. Eu não tenho filhos ainda, não sei se vou ter, não sei se vou ter, porque acho que para se ter filhos tem que se ter outra pessoa do outro lado, porque uma pessoa por si só, no meu ver, é um acto muito egoísta para mim. Porque ter duas pessoas a educar uma criança faz ter sempre duas experiências de vida e duas opiniões. Isto faz ouvir sempre um lado B e um lado A e isso é muito importante, porque dá sempre duas opiniões às pessoas e não só uma, e dividir um amor entre dois aprende-se também a partilhar, aprende-se também em que não amamos só uma pessoa, que não somos exclusivos de ninguém, somos de várias pessoas e o facto de sermos dois, acho que aí é muito importante para os filhos.

Entrevistador: Acha que, por exemplo, passa pela realização do casal, por exemplo, a importância dos filhos, acha que passa por garantir a consanguinidade ou não, necessariamente?

Entrevistado: Não, não, garantir a consanguinidade... isso são genéticas, acho que aí já é... eu acho que filhos são todos, quer dizer, adotados ou não, é o amor que depositamos nele e como o educamos é que os fazem nossos filhos.

Entrevistador: O que pensa sobre a ideia de que os filhos precisam de uma figura masculina - o pai, e uma figura feminina - a mãe, para o seu bem-estar e desenvolvimento psicossocial, o que é que acha sobre esta ideia?

Entrevistado: Eu acho que é importante eles conhecerem tanto o homem como a mulher, agora cabe aos casais homossexuais dar a conhecer isso. Agora se nós informamos desde

pequenos os filhos que existe a mulher num casal de dois homens, ele tem conhecimento sobre essa mulher. Se ele precisa de mais, se nós notarmos, porque uma pessoa também é inteligente e se notar que ele precisa ali de algum acompanhamento feminino, então vamos ter com os avós.

Entrevistador: Exatamente, a mulher que pode ser outra figura feminina da família...

Entrevistado: Outra figura na família, até pode ser uma amiga na família, não é. Agora é porque, a figura e não o género parentesco que uma pessoa possa ter com essa figura não é, porque a avó nós podemos vê-la de 5 em 5 anos não é, quer dizer, mas se tiver a minha melhor amiga sempre ali comigo, todas as semanas comigo, quem é a figura feminina que ele vai ver? Vai ser a minha amiga. Por isso, acho que é, quanto mais nós aproximarmos, mais as pessoas vão ter... se nós achamos que eles estão com alguma carência, os próprios pais é que têm de tomar logo, e não assumirem como se fossem eles que por si só eles são perfeitos.

Entrevistador: Dar essas referências...?

Entrevistado: Dar essas referências é muito importante, quer dizer, estou a dar uma liberdade para um melhor crescimento do próprio filho.

Entrevistador: E o que, na sua opinião, é necessário para cuidar e educar os filhos? O que é que acha que é necessário, por exemplo, passa por reunir capacidades sócio-afectivas e por ter condições económicas e profissionais estáveis...?

Entrevistado: Financeiras, casa, passa por tudo, toda uma construção de um lar não é, que tem de ser um lar muito sólido...

Entrevistador: Que não só fisicamente...

Entrevistado: Não só fisicamente, mas psicologicamente tem que ser muito sólido, em que o elo de comunicação tem que ser muito forte entre as pessoas, tem que se comunicar sobre tudo e comunicar-se bem. E por vezes, uma criança também contribui para essa comunicação, para que essa comunicação também aumente não é, porque a partilha dos receios, de tudo, de expor um ao outro, também lhes faz com que criamos um método de comunicação entre pais e isso acho que é importante. Agora também há pais solteiros e criam perfeitamente os filhos e nunca vi impedimento sobre isso.

Entrevistador: Pois há casos e casos não é?

Entrevistado: Há casos e casos.

Entrevistador: E o que significa, para si, educar os filhos? Portanto, há aquelas condições básicas não é, da higiene e da alimentação e da saúde, mas também passa pela segurança e por escolarização, eventualmente, e pelas responsabilidades e pelos valores de respeito...?

Entrevistado: Eu acho que, como animal que nós somos, animal que nós somos, nós precisamos de regras. Porque vivemos em sociedade e temos regras e temos que ensinar o respeito, muito o respeito. As pessoas têm respeitar o seu espaço, respeitar as suas opiniões, respeitar as decisões que têm que acatar por parte dos pais não é, e essa para mim é a base de tudo, o respeito. O respeito e definir regras e prioridades, porque nunca ceder por cansaço ou amor, ou porque não consigo fazer isso, não, não. Muitas vezes, as pessoas quando não o fazem é que estão a fazer mal às crianças, porque é muito mais difícil impor limites do que ser o pai bom e que deixa fazer tudo, isso é facilíssimo. Só que em tudo na vida, nós

precisamos de regras, tudo, tudo, porque senão vivíamos numa anarquia em cada um fazia aquilo que queria, não é.

Entrevistador: Na sua opinião, acha que a orientação sexual dos pais tem influência no desempenho das funções parentais na educação dos filhos?

Entrevistado: Não deveria ter, mas às vezes tem. Não deveria ter, mas às vezes tem. Eu acho que os pais têm de estar acima da sexualidade, os pais não estão ali para dar sexualidade ao filho. Podem, acima de tudo, instruir o filho sobre a sexualidade, agora o que eles são ou deixam de ser só tem de ser visto pelo filho como uma maneira normal e natural de ser o filho amar o próprio pai. O meu pai sempre me respeitou, sempre fez tudo por mim, o que ele faz dentro da privacidade dele é com ele. E quem ensina isso a um filho, o filho é feliz com o pai que tem. Agora se cria tabus e esconde e tal, acho que nunca vai dar, ou seja, até que o próprio filho está a esconder a sua própria natureza. E enquanto lhe podia ter explicado tão naturalmente não é, há uma criança que não tem aqueles preconceitos já criados dentro da sua própria coisa, porque está é como eu digo, está verdinho, quer dizer, o que uma pessoa lhe disser ele vai acreditar.

Entrevistador: Ok, vamos passar agora para a quarta parte da entrevista. Considera que a relação entre homem e mulher é fundamental para garantir a procriação?

Entrevistado: Não, de todo, de todo. Hoje em dia já se faz tudo de qualquer maneira, hoje em dia faz-se tudo de qualquer maneira. E aliás, ainda por cima, porque a medicina evoluiu tanto, a medicina evoluiu tanto, que hoje permite dar felicidade a muitos casais infelizes, tanto heterossexuais como homossexuais. Por exemplo, eu sou filho de uns pais que tiveram dez anos para conseguirem ter filhos. E nunca desistiram, correram todos os médicos, correram tudo, porque eles eram normais mas não conseguiam, até que ao final de 10 anos tiveram o meu irmão e depois me tiveram a mim. Por isso, acho que é poder dar esse contributo e essa felicidade às pessoas que tanto desejam ser pais, eu acho que isso é uma mais-valia para toda a gente. Agora dentro de um parâmetro normal de fazer as coisas, não tamos aqui a colonizar ninguém não é, não vamos fazer colonos, vamos fazer é um método de reprodução que seja auxiliado pela medicina. Isso sim, acho que sim.

Entrevistador: Alguma da controvérsia em relação à parentalidade por casais do mesmo sexo aponta para o facto de não conseguirem garantir entre si a procriação humana. O que é que pensa sobre isto?

Entrevistado: Dos próprios não conseguirem garantir?

Entrevistador: Porque existe uma certa controvérsia em relação, por parte da sociedade em geral, por eles próprios não conseguirem garantir não é, a procriação humana.

Entrevistado: Sim, mas isso é tao ridículo como dizerem...

Entrevistador: Acha que existe...

Entrevistado: Não devia existir essa controvérsia porque quer dizer, há dois mil anos atrás anda tudo a dizer que a outra era a virgem maria não é, e foi uma obra de milagre de Deus, então ou seja, nem sequer eles próprios tinham continuado a própria família deles. Eu acho que as pessoas, hoje em dia, é mais um assunto tabu que ainda tem que se passar mais um bocadinho à frente, e depois tudo começa-se a encarar de uma maneira normal. Agora, é claro que não sei se é daqui a 5 anos ou 10 anos, mas tudo passa a ser normal. Tem é que se ser feliz, que se trabalhar, tem de se fazer... porque qual é o problema? Não há nenhum, não há nenhum. Eu acho que às vezes as pessoas, quanto mais vontade querem em educar os

filhos, eu acho que ainda vão ser melhores pais, porque o desejo é tão grande não é, enquanto aqueles quando os têm “Ops, apareceu-me aqui”, e que nem os queriam. Eu acho que é isso é que devia ser apontado e não é.

Entrevistador: No seu entender, o que é que está em causa na não-aceitação, por parte da população em geral, de que casais do mesmo sexo tenham filhos biológicos ou adotivos, porque o podem ter?

Entrevistado: Como é que é...?

Entrevistador: O que é que está em causa na não-aceitação por parte da população em geral, o que é que acha que está em causa?

Entrevistado: É a falta de informação, é a falta de informação e a educação errada que tiveram ao longo de gerações e gerações e gerações. Eu acho que, por exemplo, e muitas vezes isso acontece com pessoas que foram criadas só por um pai ou pessoas que só foram criadas por uma mãe, e mesmo assim acham errado que um casal homossexual tenha filhos. Quer dizer, ele próprio já nasceu numa família que não é normal, ele próprio devia ser mais condescendente e mais benévolo com este tipo de assuntos, mas não é. Porquê? Porque têm lá a avozinha e tal, que sempre condenou a mãezinha porque criou o filho solteira, não é. Isso é só moralismo, só com o tempo é que as coisas mudam. Agora eu acho é que as pessoas que estão dispostas a lutar por isso devem fazer muito mais, devem fazer muito mais, porque tudo passa. Isto é mais uma barreira para eles transporem.

Entrevistador: Considera que as tecnologias reprodutivas devem ter como único propósito o tratamento em questões de infertilidade, ou acha que devem ser técnicas que permitam ter filhos biológicos, em qualquer circunstância de não procriação biologicamente conseguida?

Entrevistado: Aí eu acho que se estão cá para ajudar, é para ajudar. Se já se investiu em tantos laboratórios, se já fazemos todos os mesmos descontos, temos todos os mesmos direitos. Acho que temos todos os mesmos direitos.

Entrevistador: O que é que significa, para si, adotar uma criança?

Entrevistado: Uma enorme responsabilidade onde deve ser uma coisa que, não sei é uma questão que só agora é que me começo a colocar porque sinto que toda a gente à minha volta está a ter as famílias não é, e eu não a tenho e... quer dizer, mas eu também sou feliz assim não é, quer dizer, eu digo que a minha família é um bocado quem eu quero não é, e isso é muito bom. E adoro crianças, adoro crianças, mas acima de tudo tem de se ter é uma enorme responsabilidade.

Entrevistador: Acha também que é questão que é altruísmo, é uma medida de apoio também às crianças o poder adotar?

Entrevistado: Medida de apoio. Se há tanta criança carenciada, sem pais, sem nada, vocês estão a brincar... se eu tenho dinheiro, tenho tempo, e queira dedicar a uma criança, quem é que é a pessoa que me vai dizer que não? Acho isto ridículo, ridículo. É que estamos a privar uma criança inocente de ter um lar e crescer saudavelmente ao pé de alguém.

Entrevistador: Considera que a adoção deve reproduzir a configuração da família tradicional ou biológica que é pai/mãe e filhos, ou acha que deve ser mais abrangente?

Entrevistado: É mais abrangente, mais abrangente, sem dúvida.

Entrevistador: Portanto aqui o que está em causa será o supremo interesse das crianças?

Entrevistado: Exatamente, exatamente, sempre, sempre. O nosso futuro são eles.

Entrevistador: Portanto, aqui eu não pus logo esta questão anteriormente, mas com a resposta que deu anteriormente, esta questão agora aplica-se. Na sua opinião, o vínculo biológico, ou seja, poder conceber de forma natural não é, entre pais e filhos define o significado e a relação entre eles ou pode ser definido pelo vínculo afetivo, acha que o vínculo afetivo também tem muita importância?

Entrevistado: É o afetivo, sem dúvida, sem dúvida. Eu tenho situações de pessoas que conheço que não se dão com os pais, os pais não são nada para eles.

Entrevistador: Filhos biológicos?

Entrevistado: Filhos biológicos, quer dizer, e isso é uma coisa que me faz muita estranheza porque também sai de uma família próxima, mas eles não se dão com os pais, os pais não os conhecem, não sabem quem são as pessoas, não sabem conversar com os pais, por isso acho que tudo está sujeito sem dúvida, é o afecto é que define a proximidade de nós podermos chamar alguém como meu pai.

Entrevistador: Muito bem. Passemos então para a quinta parte desta entrevista. Como caracteriza a legislação portuguesa quanto a questões relacionadas com a sexualidade, em particular com a questão da orientação homossexual? Como é que caracteriza?

Entrevistado: Pronto, ridícula, ridícula porque, quer dizer, se já a do aborto era ridícula esta então ainda é mais ridícula. Porque acima de tudo é assim, se somos um país leigo não é, quer dizer o Estado é leigo, não tem religião, como é que permite que as leis sejam fundamentadas com princípios cristãos, não é, e que estão escritos na Bíblia, isso a mim só me parece ridículo e deveria ser tudo repensado. Por exemplo, eu não fui batizado e não fui batizado porque os meus pais quiseram que quando eu fosse maior de idade escolhesse a minha própria religião, eu nunca a escolhi, estou bem assim. Acredito no coração das pessoas e na boa intenção das pessoas. Aqui é uma coisa, quer dizer, mais uma vez lá está a tradição e os moralismos e os bons costumes a influenciarem e manipularem as leis do Estado, que não deveriam, por isso acho que, eu não aceito...

Entrevistador: Acha que ainda temos uma legislação um tanto ou quanto heterossexista, machista, homofóbica, acha que não promove a igualdade com base na orientação sexual ou acha que se tem vindo a caminhar mesmo assim, para o combate à discriminação?

Entrevistado: Lentamente tem-se caminhado para, porque também cada vez mais as pessoas estão reivindicativas e sentem-se no direito de poder deixar algum contributo para as futuras gerações não é, quer dizer, nos anos 70 era impensável haver bares e discotecas gays com uma bandeira cá fora, existia tudo num esconderijo, tudo em caves e... Hoje não, hoje é à porta descarada em todos os lados, homens a beijarem-se na rua, de mãos dadas, quer dizer, quem cá esteve há 30 anos atrás e visse agora isto, dizia “bem, isto é um passo gigantesco”. Mas em 30 anos ainda se caminhou muito pouco e vai-se caminhando, acho que isso só o futuro nos poderá dizer, eu acho que resta-nos sobretudo uma responsabilidade cívica que muita gente foge dela, acho que nós fugimos das nossas responsabilidades cívicas. Porque mesmo, não é só a comunidade homossexual que tem que lutar, é também a comunidade heterossexual em que queira também um país justo e livre, porque é o que eu digo a todos os meus amigos “ninguém está livre de ter um filho homossexual, por isso, acho que vocês têm que reivindicar para os direitos de igualdade para toda a gente, porque não sabes o dia de amanhã e um país justo é um país para todos”. E acho que as pessoas esquecem-se um

bocadinho disso, só se preocupam com as causas quer dizer, quando é uma greve ou quando é não sei o quê, agora para a justiça e a igualdade de um país não, não se preocupam.

Entrevistador: O que significa, para si, a aprovação do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo em 2010?

Entrevistado: Eu acho que é uma liberdade, cada um é que sabe o que é que quer fazer. Eu não acredito nos casamentos e em nada disso, acredito no respeito e no assumir um compromisso com alguém. Agora se as pessoas precisam de um papel para se sentirem realizadas, então têm todo o direito de o ter, é só um papel, não há mais nada, é só um papel. Para quê tanta discussão à volta de um papel.

Entrevistador: E o que tem a dizer sobre a reprovação este ano, do projeto-lei que visava garantir como, portanto como acesso legal à parentalidade através da reprodução medicamente assistida e da adoção, portanto garantiam o acesso à parentalidade por casais do mesmo sexo?

Entrevistado: Eu acho que é errado, mas acho que devem continuar a tentar. Acho que é errado, porque lá está a tal coisa, cada um deve ser livre de fazer o que quer, agora acho que as pessoas devem-se preocupar mais em regulamentar tudo muito bem regulamentado e não passarmos depois de um 8 a um 80. Acho que como estamos a lidar com temas tão delicados, acho que deve ficar tudo muito bem estipulado, estruturado e acompanhado por todas as competências que passam por isto desde a nível de registos civis, desde clínicas médicas, deve haver uma grande responsabilidade para que um dia depois não surja uma coisa que é a indústria privada a querer fazer tudo por fora e não se sabe as manipulações que se andam para aí a fazer e acho que aí o Estado é que devia intervir. Dizia assim “ok, querem que seja assim então têm de cumprir isto, isto e isto”, regulamentar para que ninguém pudesse fugir, porque depois vai haver aí as indústrias todas farmacêuticas a tentarem oferecer, porque depois as pessoas entram numa causa de desespero e querem e depois recorrem ao estrangeiro, recorrem a não sei o quê, e recorrem a não sei que mais, e isso é que não deveria acontecer. Era como havia antigamente com o aborto, quer dizer, as clínicas sempre existiram, mas ninguém regulamentava isto. Assim que ele foi regulamentado e patenteado e observado, as coisas deixaram de acontecer e é isto é que deve ser feito, o Estado aí devia ter um papel muito mais importante em querer regulamentar tudo e especificar as leis para tudo, para salvaguardar todas as pessoas que queiram fazer manipulações e maluquices por fora, porque depois aí é que vêm os maus erros e as más coisas e depois é que pode-se virar o feitiço contra o feiticeiro não é.

Entrevistador: Considera que o facto de algumas famílias, especificamente as constituídas por casais do mesmo sexo, serem excluídas à parentalidade, põe em causa os direitos das crianças? O facto de haver famílias que são consideradas famílias, uma vez que podem casar não é, podem casar mas não podem constituir família com filhos legalmente, acha que isso coíbe ou põe em causa o direito das crianças?

Entrevistado: Põe, claro, põe, claro. Porque toda a criança tem o direito de ser amada seja lá por quem for...

Entrevistador: E ter uma família?

Entrevistado: E ter uma família, e quem é que somos nós para dizer que a minha família é melhor que a tua, não é. Se há pessoas que estão dispostas a dar tudo por essas crianças acho que se deve dar a liberdade para isso e a criança só tem a beneficiar com isso não é, quer dizer, eu já vi tantos pais, tantas famílias normais a fazerem tanta coisa tão mal aos filhos,

quer dizer, quanto mais as pessoas que o empenho é tal em ter um filho, eu não acredito que depois essas pessoas vão desistir de dar o melhor para o seu filho.

Entrevistador: Portanto acha que muitas vezes, o “desejar ter” é mais...traz mais benefícios para depois a educação das crianças e essas coisas, do que o “poder ter” apenas?

Entrevistado: Nem mais, o poder ter, exatamente, exatamente.

Entrevistador: Mesmo tendo sido reprovado esta questão deste projeto-lei, considera que um dia os casais do mesmo sexo vão ter iguais direitos reprodutivos e parentais?

Entrevistado: Vão. Vão porque já se conseguiu noutros países mais civilizados do que o nosso e aqui as coisas estão sempre com alguns 40 anos de atraso, pronto 30 a 40 anos de atraso, por isso é preciso ter calma.

Entrevistador: E o que é que acha que significaria essa aprovação?

Entrevistado: Deixar satisfeitas muitas pessoas, e acima de tudo, tirar muitas famílias da clandestinidade, porque elas já existem, porque as pessoas sentem uma vontade tão grande, tão grande, tão grande, e procuram...aqui eu até já sei que as pessoas separam-se porque enquanto pessoa normal não é, ela pode adotar. Eu como uma pessoa normal aqui, solteiro...

Entrevistador: Também era uma questão que lhe queria fazer a seguir...

Entrevistado: ...posso adotar e como um casal homossexual não posso, isto é ridículo.

Entrevistador: E já agora o que é que pensa sobre essa questão de pessoas singulares poderem adotar? Homens ou Mulheres.

Entrevistado: Eu não vejo mal, eu vejo é uma responsabilidade muito acrescida que por vezes... como é que é se me acontece alguma coisa a mim? O que é que eu faço ao meu filho? Quem é que cá fica para tomar conta do meu filho? As pessoas têm de pensar nisso não é só um acto egoísta “vou ter um cão, e agora quero muito ter um cão”, e depois mandam-no para o canil, quer dizer, mandamos o filho para onde? E aqui ou nós construímos um projeto de vida que tenhamos um apoio da nossa própria família para conseguirmos fazer isto ou então acho que é muito difícil, porque uma pessoa pode sair de casa e cair-lhe um tijolo em cima não é, e morrer ou ter um acidente de carro. O que é que se faz a uma criança? Uma pessoa tem que garantir sempre o futuro desta criança porque depois quando já cá está tem de se assegurar o seu bem-estar para o resto da vida, mesmo eu não estando cá.

Entrevistador: Acha que esta possibilidade legal de pessoas solteiras poderem adotar, homens ou mulheres, acha que isto pode facilitar a parentalidade através da adoção, neste caso, por casais com orientação homossexual?

Entrevistado: Pode facilitar, mas eu não acho correto. Eu acho que, por exemplo, sendo hétero ou homossexual...

Entrevistador: Omitindo a orientação.

Entrevistado: ...omitindo a orientação porque é o que a maior parte das pessoas tem estado a fazer. O que eu acho é que quem adota e singularmente, tem que nomear tutores em caso de... e tem que se comprometer legalmente que em caso aconteça alguma coisa “eu estou cá para olhar pela tua criança”. Eu acho que isso é muito importante porque não é fazer as coisas assim “ah eu vou ter um filho, tão giro”, não é. Tem que haver uma responsabilidade

não é, tem que haver é quase como um fiador quando se compra uma casa, mas é um bocadinho...

Entrevistador: Garantir o bem-estar?

Entrevistado: ...garantir o bem-estar e a segurança dessa criança e acho que aí o Estado devia intervir nesse sentido, ou seja, que houvesse cá um pai, um tio, um amigo que assumisse na altura da adoção essa responsabilidade.

Entrevistador: Agora retomando ali a questão atrás, acha que, portanto em relação às técnicas de reprodução medicamente assistida, acha que neste cenário de possível aprovação do acesso legal às técnicas reprodutivas e à adoção, mas em particular às técnicas reprodutivas, acha que devem ter igual direito tanto casais do mesmo sexo não é, homens através da maternidade de substituição, poderem ter os seus filhos biológicos através da maternidade de substituição, como casais de mulheres através da inseminação artificial por exemplo, acha que devem ter iguais direitos?

Entrevistado: Sim, eu penso que sim. Acredito sempre que somos todos iguais e acho que devemos todos comer do mesmo prato. Se é igual para uns é igual para os outros, não deve haver esse tipo de exclusão. Tem é que haver sobretudo quando há essa liberalização das coisas, uma responsabilização das coisas e o Estado aí devia ser a entidade regulamentadora, devia regulamentar as coisas.

Entrevistador: Portanto, mesmo sabendo-se que existem, ou melhor mesmo proibidos pela lei portuguesa de constituir família com filhos, sabe-se que existem famílias constituídas por casais do mesmo sexo que têm filhos. O que é que representa para si essa atitude, acha que é uma forma de contestação ou de indignação perante a lei ou acha que simplesmente é um facto de eles acham-se com capacidades parentais idênticas à de outros casais para criar os filhos?

Entrevistado: Exatamente. Eu acho que eles fazem muito bem, eu acho que fazem muito bem. Porque quer dizer, por um lado eu sei que é errado e estão a fugir à lei, mas eu vou buscar esta parte aqui do aborto que é perfeita para isto, é: o aborto sempre se fez só que não era legalizado, assim que ele foi legalizado nós passamos a ter clínicas, médicos, e toda a gente tem um acesso a uma informação e é tudo controlado. A mesma coisa para isto, se nós legalizarmos as coisas, as pessoas não têm de fazer as coisas na clandestinidade, como as estão a fazer. Aí é que é alarmante o caso, depois quem é que vão ser as herdeiras?

Entrevistador: Ou seja, de facto estas situações existem, portanto o Estado devia intervir para...

Entrevistado: Devia intervir para garantir o bem-estar destas crianças, porque se a pessoa morre, quer dizer, ela não é minha filha, eu adotei-a, quer dizer, eu adotei-a legalmente e construí com a pessoa que está ao meu lado que não me posso casar com ela porque depois eu perco a criança, como é que esta criança vai assegurar que vai ter um futuro e ficar com aquilo que lhe pertenceu e que pertencia aos seus pais. Nunca está protegida.

Entrevistador: Portanto acha que ainda há aqui muitas lacunas que põem em causa o bem-estar e a segurança...?

Entrevistado: Muitas lacunas que põem em causa o bem-estar e a segurança das próprias crianças, exatamente, exatamente.

Entrevistador: Acha que, na sua opinião, existe uma significativa reivindicação por parte das próprias pessoas com orientação homossexual por direitos reprodutivos e parentais?

Entrevistado: Ainda é muito pouca, ainda é muito pouca, porque acima de tudo as pessoas preferem o anonimato em que podem fazer tranquilamente uma família do que ir para a rua e dar a cara pelas coisas e depois serem apontadas depois “olha aquela não, aquela é a tal por isso não vamos conceder”. E as pessoas também depois querem viver a sua vida, querem viver um dia-a-dia, porque quer dizer, as pessoas não têm de ser martirizadas por defender os seus direitos não é, quer dizer, e as pessoas neste país infelizmente, e noutros, são martirizadas quem defende e quem leva ali, ou seja, quando se agarra o touro pelos cornos, depois acabam sempre por ser as pessoas mais martirizadas em prol do bem de uma sociedade e hoje as pessoas já sentem às vezes, que isso possa ser uma luta em vão e daí o seu receio.

Entrevistador: Pois, passa muito pelo receio não é?

Entrevistado: Exatamente, o receio é muito que depois sejam prejudicadas, sejam prejudicadas.

Entrevistador: No seu caso, já reivindicou alguma vez por alguma questão relacionada não especificamente com os direitos reprodutivos e parentais necessariamente, mas por direitos humanos das pessoas com orientação homossexual?

Entrevistado: Nunca reivindiquei. Já fui, ok arraias pride e essas coisas, já fui, mas fui mais como celebrar os direitos adquiridos que já tínhamos até à data e não como reivindicar novos direitos. Fui festejar já o que já tínhamos.

Entrevistador: Acha que os estudos científicos realizados em Portugal têm contribuído de alguma maneira para a visibilidade e para um bocado, o entendimento da homossexualidade, dar a conhecer e desmistificar um bocado as questões do preconceito?

Entrevistado: Ainda é feito muito pouco, muito pouco. Há muito poucas pessoas dispostas a trabalhar em investigar e a abrir os olhos das pessoas, há muito isso.

Entrevistador: Considera que existe suficiente debate e esclarecimento acerca da reprodução medicamente assistida?

Entrevistado: Há muito pouco esclarecimento, daí o “não” das pessoas. Quando não se explica, que as pessoas não sabem, e não percebem, realmente até é normal, porque é que eu estou a fazer isto, as pessoas como não sabem é muito mais fácil dizer que não.

Entrevistador: E sobre a questão da adoção por casais do mesmo sexo, também se aplica, também acha que...?

Entrevistado: Há, isso aplica-se também. As pessoas ainda não...

Entrevistador: Ainda não há muita informação sobre, muito debate e muito esclarecimento sobre esta questão?

Entrevistado: Sobretudo ignora-se muito o assunto, porque acho que há muitas mais coisas importantes para se tratar. Mas eu acho que é assim, é a tal coisa, há prioridades diferentes, dão prioridades a outras coisas que não a essas e depois esquecem-se que é um simples mudar de parágrafos que faz uma diferença brutal a milhares de pessoas. E as pessoas acham que há coisas mais importantes e esquecem-se dessas.

Entrevistador: Na sua opinião, o que é que é necessário para mudar as reações ou mentalidade da sociedade em geral para com as questões da homossexualidade, em particular das pessoas com orientação homossexual?

Entrevistado: Falar-se, escrever-se, não é fazer pequenas reportagens mediáticas pelos media, é debates na televisão, debates nas Universidades, debates mesmo por alunos de medicina, por alunos de sociologia, por tudo, expor sobretudo à sociedade, não só este mas como outros problemas, lacunas que estão a ser feitas ainda numa sociedade que se diz evoluída. Porque isso nem é preciso ser muito explorado, e acima de tudo, quanto mais se falar, mais fácil se torna de entrar na cabeça das pessoas.

Entrevistador: Portanto, um esclarecimento?

Entrevistado: Um esclarecimento que não é feito e não é de deixar *flyers*.

Entrevistador: E justificar também?

Entrevistado: Exatamente, não é deixar *flyers* em cima de uma bancada qualquer, é sobretudo trazer pessoas, os “real people”, quer dizer, para eles verem “eh pah mas este gajo está a ser motivado por mim” e para verem “eh pah se eu tenho o mesmo direito porque é que ele não há-de ter?”.

Entrevistador: Pois, esbater um bocado os preconceitos, os estereótipos que giram muito em torno destas questões não é?

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: Tem ou já teve algum relacionamento afetivo com alguém do mesmo sexo?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: Tem religião?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Qual é a ideologia política que melhor representa as suas ideias? Extrema-esquerda, esquerda, extrema-direita, direita, nenhuma...?

Entrevistado: Eu acho que nenhuma, eu acho que hoje em dia tudo se desvirtabilizou. Hoje há um mundo de interesses e ninguém segue ideologias, seguem interesses. Por vezes não são os do país, são os interesses próprios. E é por isso é que eu me deixei de acreditar em se é de esquerda se é de direita, seja o que for, não tem ideologia. É horrível dizer o que eu vou dizer, eu praticamente nunca voto, isto é uma coisa que eu não deveria fazer eu sei, ok tudo bem, porque é preferível votar nem que seja em branco para se ver a abstenção, mas eu prefiro agir de outras maneiras, prefiro ser responsabilizado e no mundo em que trabalho fazer um bom trabalho para que possa cada vez mais demonstrar aos outros que a trabalhar-se bem e honestamente se vai a muito lado. Eu acho que se faz mais diferença aí, porque eu não posso combater um sistema que está corrupto de cima a baixo, posso é ser honesto comigo próprio e com as pessoas que trabalham comigo envolvidas, seja fornecedores e empregados. Acho que aí é que nós podemos lutar e olharmos primeiro para o nosso círculo à nossa volta e depois começar a abranger os círculos aos nossos laços e aí consegue-se fazer qualquer coisa. Agora quando o mal vem de cima é muito problemático e como nós sabemos, a corrupção cada vez é maior e ninguém se manifesta contra tal. Eu acho que se se houvesse de manifestar eu ia manifestar, desta vez eu iria fazer qualquer coisa, porque sinto um nível de indignação que já é muito grande, isso eu faria.

Entrevistador: Pertence ou é simpatizante de alguma entidade activista em particular pelos direitos das pessoas com orientação homossexual?

Entrevistado: Sim com a ILGA e com a...

Entrevistador: Ex Aequo?

Entrevistado: Exatamente, todas elas. Não tenho qualquer tipo de problema, acho isso muito bem, ainda bem que existem porque, acima de tudo, as pessoas veem sempre só o seu próprio nariz e há muitas pessoas que não pensam como eu, há muitas pessoas com imensos problemas em assumir a sua homossexualidade, com imensos problemas em casa, quer dizer, sei de casos em que os pais os espancaram, sei de casos em que os pais os expulsaram de casa, sei de casos de que nunca mais viram a família, e essas pessoas precisam de apoio.

Entrevistador: Extremamente rejeitados?

Entrevistado: Exatamente. Eu felizmente fui uma pessoa feliz, por isso é que eu acho que devem existir, acho que deveriam ser muito mais apoiadas, acho que, lá está a tal coisa, ainda não há um reconhecimento público do trabalho que há ali feito, eu acho que isso acontece muito. Não há um reconhecimento público do trabalho destas pessoas...

Entrevistador: Dessas entidades?

Entrevistado: Exactamente. ...porque sobretudo...

Entrevistador: E também de pessoas particulares.

Entrevistado: Exactamente. ...porque trabalham com pessoas com problemas tão graves de sociabilização e de esconderijo, que não querem que se saiba, que muitas vezes, isto tem que ser feito quase um trabalho que não é clandestino, mas escondido, não é. E às vezes isso devia ser mostrado à população em geral porque não é mostrado, não é mostrado. Eu já soube de casos, de histórias de pessoas que já... mas que me relataram situações que me fiquei deveras impressionado, pensei que isso já não existisse. E nos dias de hoje, nos dias de hoje.

Entrevistador: Pois. Pronto. Damos como terminada a nossa entrevista. Muito obrigada.

Entrevistado: De nada. De nada.